



TRANSCRIÇÃO EPISÓDIO THAMY AYOUCHE

[00:00] [THAMY] Queria começar talvez agradecendo a Heidi e toda a equipe dela por essa oportunidade.

Eu tenho que confessar que fiquei um pouco estranhado quando a Heidi me contatou para me falar do formato desse dispositivo *Psicanalistas que falam*. E fiquei pensando, porque acho que tenho uma ânsia em desconstruir dispositivos, porque tenho uma rebeldia que não expressei o bastante quando tinha 15 anos, e então fiquei, com a velhice, expressando um pouco mais, com mais autorização própria, então estava me perguntando o que é esse dispositivo precisamente? Ou seja, dispositivo de “psicanalistas que falam” em vez de eles e elas escutarem. E será que é uma forma de colocar psicanalistas no divã? Como se não tivessem estado no divã o bastante – que é o caso de vários e várias psicanalistas, na verdade.

Mas eu tava pensando qual tipo de analogia tem entre esse dispositivo de psicanalistas que falem e o dispositivo analítico, ou seja, regulamentado só por duas regras, que são: a associação livre e a regra do princípio de abstinência ou abstenção.

Então a primeira regra: associação livre – tá, vou tentar falar por associação livre e dizer tudo aquilo que passe pela cabeça, tentando, como num divã psicanalítico levantar, desfazer a censura, censuras de estética, ética, de pertinência e falar aquilo que vem na mente. Só que associação livre... Bom, o mais interessante é que o sujeito acaba falando, paradoxalmente, não daquilo que sabe, mas daquilo que não sabe, ou seja, o que sabe de forma inconsciente, mas não sabe por não ter falado, expressado isso, colocado em palavras, elaborado, simbolizado. Então, falar daquilo que não se sabe, não como com a polícia: “Falem tudo o que vocês sabem”. “Não”. É falar aquilo que não se sabe. Mas o limite é que a associação livre nunca acontece em si, totalmente, nunca. No sentido de que se associasse livremente, sem deixar um relativo controle consciente, acabaria desenvolvendo um discurso que acabaria não tendo nenhum sentido, que seria talvez bastante representativo do inconsciente como lugar do não sentido. Mas, ao mesmo tempo, qual é a transmissibilidade desse discurso que de repente acontece só como não sentido? Será que não é mais expressivo fazer “u-la-lá-pá”? Mais expressivo, mais representativo do inconsciente? Mas o que é que transmite assim? Bom, e lá vem,



PSICANALISTAS QUE FALAM

obviamente, toda a ideia da arte como lugar precisamente da transmissão do inconsciente que escapa às regras bem conscientes do discurso.

Mas aqui, aqui, nesse dispositivo, será que faz sentido falar só não sentido? E que tipo de transmissibilidade tem? Que tipo de... Acho que por mais que o consciente seja, o lugar precisamente não sentido, nesse dispositivo, que obviamente pega emprestado uma dimensão psicanalítica do divã, nesse dispositivo tem que ter um pouco de sentido.

[05:05] Tem uma transmissibilidade, tem... (riso) la dizer de forma muito histérica: "um palco". Tem um palco, ou seja, tem um público, tem pessoas que vão recebendo esse discurso. E isso, obviamente, me leva para o segundo princípio da psicanálise, que é a regra de abstenção ou de abstinência, que...

Bom a psicanalista não intervém na realidade exterior, intervém só na realidade psíquica. Ou a psicanalista procura não colocar o desejo próprio no lugar do desejo do analisando ou da analisanda, porque fazendo assim, está impedindo uma elaboração do desejo do analisando ou da analisanda. E, então, nenhuma intervenção na realidade exterior, uma forma de ficar, favorecer, fazer que seja favorecido, que o espaço seja um espaço do desejo da analisanda ou do analisando, e o silêncio, o não falar do psicanalista contribua relativamente. Eu talvez vou voltar a falar disso, do silêncio, de falar, não falar. Mas contribui. Só que aqui não é o dispositivo analítico, então, portanto, não tem, vamos dizer, não tem aquela dimensão de sigilo entre psicanalista e analisanda / analisando. Tem uma terceira perna, vamos dizer do dispositivo, tem uma abertura que, além de favorecer uma certa forma de voyeurismo num dispositivo psicanalítico, também reconfigura a estrutura do endereçamento. E acho que isso é muito... Bom, eu considero o dispositivo analítico precisamente a partir dessa pergunta muito simples, que é: "Quem fala e para quem se endereça?". Quem fala aqui e para quem se está endereçando? E que implica ver no dispositivo analítico que o que mais importa, não é tanto, não são tanto os enunciados e os conteúdos obviamente conscientes daquilo que é falado, quanto a estrutura enunciativa, a estrutura da enunciação. Quem está se expressando e para quem isso está dirigido, tá endereçado.

E essa estrutura e a análise dessa estrutura é que faz a análise da transferência simbólica. E é que faz a posição de suspeita, como diziam os filósofos dos anos 50 sobre a psicanálise, ou seja, uma suspeita de qualquer tipo de discurso que, em vez de tomar



PSICANALISTAS QUE FALAM

como palavra de Deus aquilo que é dito, eu pergunto: “Quem está falando aqui? Para quem se está endereçando isso”? E essa estrutura enunciativa é que vai colocar esse discurso numa estrutura de sentido particular, num sistema, numa historicização e dentro de relações sociais de poder, obviamente, dentro daquilo que vincula aquele ou aquela que fala e aquele ou aquela que escuta, e para quem está sendo endereçado, mas de forma errada, porque não se endereça diretamente. Ou seja, o psicanalista é uma ilusão, na verdade. Mas então: aqui quem fala? E para quem se está endereçando nesse dispositivo? Obviamente que estou falando... Vou desenvolver um discurso muito pessoal, com o risco, acho que comentei isso com você quando você me apresentou o dispositivo, comentei para você o risco de acabar dizendo coisas absolutamente horrendas sobre as quais não tenho nenhum controle. Será...? Vou tentar jogar esse jogo, ou seja, brincar dessa forma. Mas para quem estou endereçando? Quem vai escutar esse programa, esse vídeo? Para que serve isso? Quais vão ser os efeitos disso? E como esse público – obviamente, acaba afetando tanto o objetivo quanto o sentido, quanto a forma da minha própria fala. Ou seja, não posso pretender não falar para pessoas que vão escutar isso.

[10:17] Não posso pretender que estamos no sigilo de uma... Porque tem as câmeras, tem a equipe maravilhosa e tem o público que vai escutar esses vídeos. Então, bom, tem limites, tem limites em comparar esse exercício a um exercício de psicanálise.

E, ao mesmo tempo, acho que esse exercício ressalta, salienta, destaca critérios do dispositivo analítico. E, sobretudo, esse critério de: “O que falar? O que falar na psicanálise? O que é um psicanalista ou uma psicanalista que falam”? Acho que ressalta no sentido de que, de repente, incorpora, dá corpo, encarna, dá encarnação, dá carne, dá presença corporal, afetiva à psicanálise, a e aos psicanalistas e a essa prática que não é uma prática que, como pretendidamente, supostamente durante muito tempo, não é uma prática exercida desde esferas abstratas, de esferas, vamos dizer, atemporais, universais, da abstração. É uma prática que tem corpo. E isso, bom, associando livremente, a presença do corpo na prática, na escuta analítica, o que é? Como essa presença do corpo também se inscreveu dentro de uma tradição muito ocidental, a partir da filosofia grega, dessa condena precisamente do corpo, da imagem que foi retomada, obviamente, pela tradição cristã, condena de uma forma de incorporação que seria, como



PSICANALISTAS QUE FALAM

dizia o Platão: o mundo das sombras não o mundo das ideias e das verdades”. E será que podemos dissociar assim, de forma tão simples, na psicanálise, o corpo da linguagem? Bom, o [Pierre] Fédida falava que toda a presença do corpo na psicanálise, no divã, na escrita psicanalítica, é sempre um corpo que passa pela linguagem, um corpo simbolizado, um corpo precedido pela linguagem. É, sim, mas isso não quer dizer que não tem lugar, espaço para o corpo.

Acho que isso eu aprendi, eu aprendi aqui no Brasil, esse lugar, esse espaço para o corpo, para uma prática, um exercício da psicanálise que seja absolutamente encarnado, que lide com singularidades locais, com singularidades obviamente culturais, mas, vamos dizer, com singularidades definidas por problemáticas próprias e por uma situação, uma localização própria, dentro de relações sociais de poder – que é o que mais me interessa hoje em dia na psicanálise – relações sociais de poder particulares de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de capacidade... E discursos desenvolvidos sobre essas relações de poder que de nenhum jeito são os mesmos do que na Europa, para generalizar, obviamente, porque a Europa não existe, é um mito, só que é um mito que está sobrevivendo muito, muito! É um mito que tem mais de cinco séculos e que continua, continua... E, vamos dizer, se expandiu no sentido de “é o Ocidente”, o Ocidente e a civilização judaico cristã, que é uma impostura, não existe judeu cristianismo, não existe, é uma impostura absolutamente incrível – eu estou me deixando levar realmente por associação livre aqui.

[15'00"] Acho que não existe, acho que é uma invenção cultural europeia ocidental, muito colonial, para se redimir de uma longa história de antissemitismo, porque antissemitismo é uma criação europeia, primeiro uma criação cristã: de judeus e judias sendo deicidos e uma invenção, uma criação europeia, obviamente, com essa suspeita constante para com sujeitos que de pouca forma foram integrados dentro de culturas variadas, múltiplas, europeias e que inclusive depois da *Haskalá*, da iluminação judia que ficou uma assimilação... E a assimilação, na verdade, provocou ainda mais antissemitismo de certa forma, porque se judeus e judias são assimiladas e não estão apresentando sinais bem visíveis da judaicidade, então o judeu pode ser qualquer um de nós, você, ela, ele... O que obviamente vai provocando uma posição muito paranoica: “Estamos invadidos do interior, infiltrados do interior”. E isso provocou um antissemitismo muito forte... Bom,



PSICANALISTAS QUE FALAM

sempre teve forte o antissemitismo europeu, mas no século XIX e no século XX muito, muito forte. E para se redimir das atrocidades cometidas na Europa de forma absolutamente antissemita, foi cunhada essa palavra do “judeu cristianismo”, como se fosse a mesma coisa. E, obviamente, para definir um outro inimigo, que são os muçulmanos, as muçulmanas, os árabes, o inimigo comum, a barbárie como inimigo comum da civilização. E a forma como tudo isso é instrumentalizado é absolutamente incrível.

Bom, estou falando disso, me deixei levar pelas associações livres, por preocupações muito atuais, porque acho que a psicanálise tem que ver com isso, absolutamente. E acho de forma mais reflexiva que eu me interesse muito por isso, que isso forma o centro da minha preocupação com a psicanálise. Ou seja, tentar analisar a forma como somos criados, erguidos, erguidas... Inclusive politicamente inventados e inventadas por discursividades que vão circulando. Discursividades obviamente que vão mudando pouco a pouco, mas discursividades que vão circulando. E essas discursividades não são da minha pegada da psicanálise, as impossibilidades da santa família: mamãe, papai, a empregada, a babá e eu. Para parafrasear aquele nome de um filme francês: “Papa, maman, la bonne et moi”.

Bom, empregada e babá muito importantes precisamente na constituição da família... Bom, aqui por exemplo, mas também lá na Europa... Ou seja, discursividades que não são discursividades vinculadas somente àquilo que Deleuze e Guattari ou Foucault chamariam de familiarismo da psicanálise. A família é só um elo de transmissão precisamente de integrações sociais de poder que têm efeitos obviamente sociais e psíquicos e efeitos de determinação psíquica. E acho que a psicanálise se tivesse que dizer de uma forma muito simples o que espero de uma elaboração psicanalítica é precisamente tentar deslocar um sujeito dessa determinação que foi criada, que foi montada socialmente e que tem efeitos psíquicos. Esses efeitos psíquicos de prescrição, de designação: “Você é isso”; “Você é o resultado dessa relação social, de gênero, de classe, de raça, de capacidade, de idade, de sexualidade... Você é isso com efeitos psíquicos”... fazer com que esse isso, que essa prescrição, o sujeito possa se deslocar, você fazer um passo de lado, você se desidentificar com essa prescrição precisamente.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Mas (risos)... Como cheguei aqui? Em Psicanalistas que falam...? Cheguei aqui assumindo uma fala. Cheguei nessa prática e nessa representação da psicanálise, assumindo um lugar próprio de fala, que acho que demorei bastante tempo em assumir, no sentido de uma história pessoal, obviamente. Ou seja, acho que a minha história, obviamente estou dizendo uma evidência: a minha história com a psicanálise está absolutamente arraigada, inscrita dentro da minha história subjetiva e pessoal. E essa história subjetiva e pessoal é uma história, de certa forma, de autorização a reconhecer – isso digo, obviamente, de forma retrospectiva – a reconhecer o efeito das relações sociais de poder e da forma como permitem ou interditam o falar.

Tem um mito europeu ou francês, porque é o país da Europa onde moro, que seria esse mito de que psicanalistas não falam, só escutam. Não falam, não tem corpo, não tem situação sociopolítica, tem situação subjetiva, mas foi trabalhada nas 45 psicanálises anteriores pessoais que fizeram então, portanto, já não precisam falar mais. Então estão escutando desde aquele lugar de abstração pura, de não situação, de neutralidade, não implicado por qualquer questão política que, infelizmente, essa caricatura que estou dando é absolutamente encarnada, de certa forma, e é absolutamente vivenciada muito na França. E também aqui no Brasil. Mas talvez vou falar mais do Brasil daqui a pouco. Mas acho que aqui vocês deram uma desbundada nesse mito que é muito, muito, muito mais forte do que lá e que tem tudo para ensinar pra velha Europa nesse sentido.

Mas então, psicanalistas que não teriam corpo, que não falariam desde a esfera etérea dos absolutos, do universal... E isso está representado por escritos ainda atuais de “reis e imperatrizes da psicanálise francesa”, que não vou nomear porque seria dar muita publicidade...

Bom, mas que vão também falando de uma posição de por cima e que ia avaliar isso que é chamado o eu soberano. Ou seja, a ideia de que qualquer forma de levar em conta relações sociais de poder, de gênero, de sexualidade, de raça, de classe etc. E através de discursos feministas, com a pluralidade obviamente múltipla dos feminismos, LGBTQIA+, discursos antirracistas... E para retomar essa literatura, discursos supremacistas brancos é a mesma coisa. Seria a mesma coisa. É o narcisismo, são discursos narcisistas, ou seja, como se fosse a mesma coisa falar a partir de um ponto de vista e de uma situação supremacista branca ou falar contra precisamente relações sociais de poder e para



PSICANALISTAS QUE FALAM

desmontar relações sociais de poder a partir de uma posição feminista ou LGBTQIA+ ou antirracista... Ou seja, essas implicações com a política, com o político, que não são “o” político, não é só questões de governança, é questão de relações sociais, de poder. Essa implicação com o político despurificasse a posição do psicanalista, bastardisasse a posição do psicanalista. E eu adoro essa posição de bastardismo! Essa posição de hibridez.

[25:20] Eu trabalhei bastante tempo sobre essa questão de hibridez. Bom, então, psicanalistas que falam, que falam, que se colocam... E acho que essa fala que estou... que vou “*tâtonnant*”, ou seja, que vou tateando lá, vem obviamente do fato de assumir uma posição muito subjetiva e encarnada. E falar/não falar, acho que é uma coisa que sempre me preocupou, mas que cheguei a desenvolver isso tarde... Ou seja, tarde... Demorei.

Eu cheguei... Eu sou marroquino, sou marroquino nascido no Marrocos, vivi os meus 18 primeiros anos no Marrocos, estava escolarizado numa escola francesa, e com 18 anos fui para a França estudar, que é uma migração muito favorecida e não pretendo... Sou migrante, obviamente, mas não pretendo comparar a minha experiência com migrações não desejadas, com migrações econômicas forçadas... Então migrei na França. E de repente, enquanto pensava, tendo crescido numa escola francesa que se chamava naquela época “*La mission française*”. As escolas privadas da França se chamavam “*La mission française*”, que é incrível como os significantes vão nos tragando, ou seja, engolindo o significante sem sabermos exatamente o que provocam.

A missão é a missão evangélica francesa, numa continuação total com a colonização francesa.

Bom, o Marrocos foi colonizado durante 44 anos pela França e nos anos então quando cresci, nos anos 80 e 90, as escolas francesas continuavam se chamando “*La mission française*”. Então, enquanto pensava que era francês no Marrocos, porque achava que a salvação tinha que vir do norte global e da França sobretudo. “*La patrie des droits de l’homme*” – “A pátria dos direitos do homem”. E deixo no masculino “o homem”, porque é precisamente essa arrogância em pensar que o masculino seria representativo da neutralidade, que é precisamente essa arrogância da não situação, do não se posicionar.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então, enquanto pensava que era francês quando estava no Marrocos, descobri que era marroquino quando cheguei na França. Descobri que era magrebino, como se fala lá. E, obviamente, que não era branco e que tinha um posicionamento bem particular. Mas esse posicionamento através da minha educação, através da escola francesa, da idealização, da idealização total da cultura francesa como lugar de cultura, de arte, de humanidades... implicou que não falasse, não podia falar em nome próprio, não. Eu era o problema. Ou seja, se eu não era branco, não era francês, não era europeu, não era do norte global, o problema vinha de mim. E tinha que desfalar – para fazer um neologismo – para me adaptar precisamente.

A expectativa que, bom, ia imaginando, fantasiando. E é dentro disso, ou seja, o fato de desenvolver um discurso sem corpo, um discurso universalizador, um discurso pretendidamente não situado, era uma das coisas absolutamente principais. Ou seja, essa ideia de que o mundo da intelectualidade e também da dignidade é um mundo universal e universalista.

[30:06] E aquela formação muito francesa que chama “universalismo republicano”, essa ideia de que somos todos iguais. E mais uma vez deixo no masculino, porque o masculino é o não marcado, o não diferente, nós somos todos iguais. E o fato de falar, falar a partir de uma singularidade é uma ruptura do pacto republicano e do pacto do universalismo republicano, porque está salientando um particularismo de gênero, de classe, de raça, de sexualidade, que não entra dentro das categorias do universal, está traindo o pacto republicano.

Então, quando cheguei com essa idealização também da produção de saber que seria a salvação de muitas coisas, quando cheguei lá, acho que a regra que interiorizei, não sei se foi imposta realmente, mas eu vinha com essa interiorização da regra, com essa norma que age do interior, era que eu não falasse em nome próprio, era que desfalasse, que o meu discurso fosse universalizador também, e que a intelectualidade tinha que vir de lá. Sabe aqueles modelos bem ocidentais de... modelo aristotélico, a ciência é sempre do geral, não do particular, não do singular. O que coloca a psicanálise numa posição bem particular, porque a psicanálise é precisamente a escuta do hiper singular. Mas então e lá? O que fazemos com a teorização psicanalítica que pretende, ao mesmo tempo, escutar o hiper singular e que vai retomando ferramentas cunhadas por discursos que visam uma



PSICANALISTAS QUE FALAM

certa generalização, uma certa cientificidade definida pela universalização. Então, bom, isso é uma questão que tentei trabalhar um pouco na minha reflexão sobre a psicanálise.

Mas pra voltar a essa ideia do... tinha que falar de forma geral, então me esgriemei em estudar e desenvolver discursos gerais, discursos... Eu estudei...

Quando cheguei na França eu estava fazendo uma formação que chama... Bom, porque na França tem um sistema duplo, tem: ou você vai direto na universidade ou você vai na via prestigiosa, entre 40 mil aspás, que é a via das "classes préparatoires", que são classes de dois, três ou quatro anos de preparação para concursos das "grandes écoles" – as grandes escolas. E esses concursos são muito seletivos, e tem, vamos dizer, três tipos de "grandes écoles", as da engenharia, as científicas... Então "classes préparatoires" são "classe préparatoires Math sup", "Math spé"... Tem do comércio, "classe préparatoire HEC", de formação de pessoas que trabalham com comércio, marketing, etc... E tem "classes préparatoires" das humanidades, que chamam "hypokhâgne" e "khâgne". Eu passei pelas "classes préparatoires" das humanidades. O meu pai queria que fosse engenheiro, que fosse científico, que...

Os meus pais vêm de uma classe média humilde – não é classe média como fala a classe média aqui no Brasil, que me dei conta que quando fala aqui classe média é um eufemismo para não falar a classe média alta. Lá no Marrocos era diferente: classe média de funcionários civis públicos. E pro meu pai o sucesso tinha que passar por uma formação científica e virar engenheiro. Acho que tive a força e o respaldo também, o apoio de pessoas que foram absolutamente essenciais na minha vida para resistir a isso e estudar humanidades. Então, lá na França *classe préparatoire* e ao mesmo tempo tinha que fazer uma graduação.

[34:58] Eu fiz duas graduações na universidade, ou seja, ao mesmo tempo que você estava preparando o concurso de entrada na *École Normale Supérieure*, você tinha que convalidar graduações na universidade. Então fiz isso e fiz duas graduações: em Literatura Inglesa e Filosofia. E a ideia era precisamente entrar nessa esfera e ter essas ideias universais da literatura europeia universal, da filosofia, o discurso mesmo do geral universal, do conceito, daquilo que não é maculado, manchado pela particularidade, que é universal. E aceitei essas regras do jogo, ou pelo menos fantasiava que eram as regras do jogo de ter que falar a partir do universal e sobretudo como estrangeiro. Ou seja, eu



PSICANALISTAS QUE FALAM

não quis fazer filosofia, estudar filosofia árabe ou filosofia judaica porque seria um particularismo, porque não tinha nenhuma legitimidade como árabe judeu de falar a partir desse lugar. Tinha que entrar num universal, nessa representação da universalidade e então me desfazer de todas essas coisas “particularizadoras”.

Então estudei filosofia, mas dentro dessa ânsia de adaptar o meu discurso, de “desfalar”, para continuar usando esse neologismo, tinha também um pouco de rebeldia, moderadamente demais, infelizmente, mas moderadamente. Tinha uma certa rebeldia. E então trabalhei, de certa forma, sobre uma travessia das disciplinas, uma interdisciplinaridade como falaríamos hoje. Mas era também uma indisciplina, de certa forma.

Quando eu estudava literatura inglesa e fiz o meu mestrado em literatura Inglesa, convidava a filosofia e ferramentas filosóficas da literatura inglesa. Da mesma forma, na filosofia, convidava literatura dentro da filosofia. Depois, sobre psicologia e psicanálise...

Eu fiz o meu doutorado sobre Merleau-Ponty e Freud e sobre o afeto e a afetividade em psicanálise, na fenomenologia e uma releitura a partir da fenomenologia da afetividade, porque era minha tese de pensar que a fenomenologia de Merleau-Ponty é uma fenomenologia da afetividade. Releitura das aporias, das dificuldades do afeto na psicologia freudiana, a partir da fenomenologia da afetividade de Merleau-Ponty. E joguei segundo as regras de: “Vamos falar do universal e a partir do universal”. Vamos falar do afeto, da afetividade, do inconsciente, do ato de consciência, da imaginação, da percepção em termos fenomenológicos, desse singular generalizador que é “universalizador” e que faz com que se “desfale” desde qualquer situação particular ou particularizada.

Então, todo o meu trabalho naquela época era precisamente isso: essa ideia de que o pensamento tem que ser universal. Estava dizendo isso, acho que estava falando da minha tese de doutorado precisamente para falar desse pouco lugar de rebeldia que tinha e era uma forma de interdisciplinaridade, ou seja, de sair de uma disciplina para aportar elementos de uma outra disciplina e, portanto, não ficar tão identificado com o discurso de uma disciplina só. Então psicanálise na filosofia, filosofia na psicanálise...

[40:00] No início não era considerado como psicanalista e continuo hoje em dia não sendo considerado como psicanalista, porque várias coisas que vou dizendo, muitas



PSICANALISTAS QUE FALAM

reações são: “Mas isso não é psicanálise”. E reivindico, reivindico esse não ser psicanálise, porque psicanálise não tem nada a ver com uma ontologização. O ser e a psicanálise me parecem um oxímoro. Ou seja, ser psicanálise. Talvez podemos nos esforçar a estarmos psicanalíticos, numa troca particular dentro da prática psicanalítica, mas não somos psicanalistas. Não tem uma ontologização, ou seja, é uma prática, não é um ser, não é uma essência, é um fazer, é um escutar. E é uma prática pelo menos em dois, se não em mais.

A minha abordagem da psicanálise foi primeiro muito pessoal, foram análises pessoais. Acho que a primeira análise que fiz era no Marrocos, com 17 anos, 16 anos, e acho que precisava muito, precisava muito disso. E fui acolhido por uma psicanalista, psicóloga, que foi maravilhosa no sentido de que fui levado lá pelo meu pai, porque não podia fazer nenhuma coisa sem ser acompanhado pelo meu pai, que era muito presente (risos), intrusivo em tudo. E ela fez esse acordo entre mim. Ela primeiro botou fora do consultório o meu pai, que era um gesto muito importante e me disse: “Bom, você vai dizer para ele que não deu aqui e vamos continuar. Ele não tem que saber, ele não tem que fazer parte desse dispositivo”. E ela me recebeu. Recebeu. Ela me recebeu assim durante quase dois anos gratuitamente. Ela tinha um consultório privado e um consultório num hospital. E isso é a minha primeira, vamos dizer, a minha primeira relação com a psicanálise: foi um espaço de fala, precisamente de se autorizar a falar dentro de um dispositivo que também me deu essa oportunidade de fazer que fosse como um adolescente de 16 anos, um lugar só para mim.

O fato da gratuidade... Bom, teria muitos psicanalistas que diriam: “Ai, não, mas é uma dívida simbólica absolutamente horrenda. E é uma submissão do analisando” ... Eu acho que não...

Bom, ela pode fazer isso porque podia se permitir isso. E não fica uma dívida simbólica precisamente no sentido de que isso também deu o jeito na minha prática da psicanálise de: aquilo que foi feito comigo, posso transmitir também e voltar a fazer com outras pessoas, com outros sujeitos, precisamente dentro de situações que não permitem a economia tradicional da psicanálise etc.

Acho que aquilo que foi transmitido, aquilo que foi feito com o sujeito, pode ser transmitido. Sair da dívida é precisamente se inscrever nessa cadeia que vai transmitindo isso e que isso de pagamento/não pagamento é muito importante, porque também a



PSICANALISTAS QUE FALAM

questão daquilo que: “falar é dar também”. E psicanalistas que falam ou que não falam, interroga também aquilo que psicanalistas vão dando numa sessão. Vão dando em termos de palavras, obviamente, vão dando em termos de tempo, vão dando em termos de economia, vão dando em termos pessoais. E quando me escondo como psicanalista atrás de um silêncio que pretende não falar de nenhuma forma, estou me inserindo dentro de, me parece, de todo um dispositivo contemporâneo do nascimento da psicanálise que é um dispositivo muito capitalista, de sempre ficar acumulando e não dando, a mais valia de certa forma, e de retomar essa forma de mais valia. Eu estou recebendo, mas não dou, porque senão interferiria com a realidade exterior do analisando, da analisanda. Mas isso é uma instrumentalização, de uma coisa, me parece, totalmente cultural.

[45:28] Isso o Brasil foi absolutamente central para mim, isso de ver que aquele ideal, de ver a crueldade do ideal da psicanálise tal como me foi ensinada na França, a crueldade do ideal no sentido de uma idealização da postura do analista. E deixo no masculino, mais uma vez, uma idealização dessa postura que faz que se trata de repetir formalmente tanto um discurso, uma discursividade, uma teorização, repetições totalmente formais, de fórmulas, quanto uma prática sem se situar lá como sujeito. E isso que é absolutamente paradoxal. Essa forma de fidelidade a um ideal da psicanálise, que acaba não deixando lugar para o corpo do ou da psicanalista, precisamente, desse ou dessa psicanalista, que está situado num momento particular, numa área geográfica cultural particular, na encruzilhada de relações sociais de poder particulares, que não dão para ser generalizadas e produzirem uma posição só idealizada, universal, do/da psicanalista.

Então, acho que perdi o fio...

Mas acho que estava falando precisamente daquilo que descobri aqui no Brasil que psicanalistas têm corpo, que essa prática da psicanálise arraigada na lendária generosidade afetiva parisiense, no calor humano tão desbordante parisiense, é uma imposição imperialista neocolonial, ou seja, que não se pratica a psicanálise da mesma forma em Salvador de Bahia, em Abidjan, em Paris, em Helsinque ou em Bogotá e que pretender fazer isso dessa forma a partir de um ideal único do psicanalista é perpetuar uma relação colonial entre norte global e sul global, é perpetuar uma invasão. O imperialismo daqueles psicanalistas europeus em turnê que vêm pregando, anunciando a



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

boa palavra europeia aqui e fazendo como se o Brasil fosse o país no qual tem que se aplicar na letra mesmo o ensino lacaniano, ou a forma vienense da psicanálise freudiana, ou o delírio absolutamente genial kleiniano...

Eu não sou kleiniano, eu não sou nada na verdade, como dizia o Fernando Pessoa: “Eu não sou nada, nunca serei nada, nunca fui... Não tenho sido nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo” [sic]. Bom, tenho alguns, mas eu não sou nem kleiniano, nem freudiano, nem winnicottiano, nem lacaniano, nem... Porque acho, inclusive hoje em dia, absolutamente ridículo ou absurdo ter que se definir com uma filiação, como se a prática e a teorização da psicanálise tivesse que recorrer a um nome e fazer que essa prática, essa teorização, se definisse só por uma fidelidade a esse nome, que acho isso uma infidelidade total, uma traição total do contexto clínico, daquilo que está acontecendo com esse sujeito, nesse contexto social, cultural, político, que não é lacaniano, não é freudiano, não é winnicottiano, é muito maior, precisamente porque vamos inventar uma prática aqui.

[50:24] Então isso acho bom. Estava dizendo que isso eu aprendi aqui no Brasil, essa dimensão de um jeito brasileiro da psicanálise, obviamente que não é majoritário, mas, bom, como muitas vezes na minha vida não me relacionei com majoritários e majoritárias aqui no Brasil. E é um jeito que não é majoritário, mas é um jeito que tem uma circulação afetiva bem própria a esse país, e sei que estou generalizando, sei isso, mas sabemos também que tem um jeito aqui que não é o jeito europeu, que não o jeito francês pelo menos, que é o jeito que menos desconheço... Que tem uma circulação afetiva que permite que os corpos dentro do dispositivo psicanalítico se relacionem diferentemente, precisamente porque dentro do dispositivo social os corpos se relacionam diferentemente no Brasil. Ou seja, por mais que o Brasil esteja atravessado por uma violência tremenda de relações sociais de poder, de classe, de raça, de gênero, de sexualidade... Por mais que tenha isso, tem também uma circulação afetiva bem particular, que não existe naquilo que conheci da Europa, que existe um pouco na Europa do “Sur”... Ai, quando pensei Europa do Sul veio em espanhol: “Sur”, da Europa do Sul...

Eu morei na Espanha e tem uma coisa mais afetiva. Estou dizendo coisas muito gerais, mas tem, tem... Tem uma presença corporal muito mais encorpada de certa forma. Mas não tem lá, onde acabei migrando que é a França, e isso o Brasil me providenciou.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Primeiro uma prática humana, uma prática afetiva bem diferente daquela da França que deu um lugar a uma prática da psicanálise encorpada e bem diferente também, e que me autorizou de certa forma.

Então eu estava falando do pouco de rebeldia que tinha quando “desfalava” que era precisamente essa transdisciplinaridade. Eu não me identifico com o discurso disciplinar em todos os sentidos da palavra: disciplinar, de uma disciplina, mas também do poder disciplinar como dizia o Foucault. Não me identifico com esse discurso precisamente porque pretendo aportar um outro discurso de uma outra disciplina ou de uma indisciplina, sobretudo.

Bom, estava dizendo a minha abordagem da psicanálise... Eu estou realmente associando muito livremente e não tem muita continuidade, mas, bom, tentando retomar o fio: a minha abordagem da psicanálise foi primeiro pessoal e, através dessa primeira psicanalista no Marrocos, depois uma psicanalista na França e depois um outro psicanalista e depois mais um... Ou seja, fiz várias “tranches”, como falam em francês, vários momentos de psicanálise...

E foi pessoal, foi subjetivo, ou seja, a partir de uma prática como analisando.

E essa prática como analisando, deu lugar a uma formação numa escola de psicanálise também. Mas também foi acadêmica a minha abordagem da psicanálise.

Eu abordei a psicanálise a partir da filosofia primeiro. Como disse, nessa tese de filosofia, eu sempre estava interessado principalmente com comparações daquilo que não é muito aproximado, muito frequentemente... Eu acho que não inventamos nada novo, mas que ao aproximarmos duas coisas ou mais coisas que não costumam ser aproximadas, dá para suscitar uma coisa meio inédita, mas não inventamos “ex nihilo”, obviamente. Então, bom, isso foi a minha abordagem de psicanálise a partir da fenomenologia, da filosofia...

[55:00] Então uma abordagem desidentificada, desidentificada no sentido de: “Sou um forasteiro”. Por mais que tenha feito análises pessoais, que tenha me formado em escolas de psicanálise, sou um forasteiro porque abordo a psicanálise – isso fiz durante o meu doutorado – a partir da filosofia. Naquela época, me lembro, acho que era a minha terceira psicanálise, estava fazendo o meu doutorado, e então tinha a análise e a santa tese – funciona muito mais em francês: “l’analyse et la sainte thèse”, em francês “santa

PSICANALISTAS QUE FALAM

tese” soa quase como “synthèse”, ou seja, “análise síntese”, porque a tese era santa mesmo... Mas era precisamente essa abordagem na psicanálise de forma acadêmica a partir da filosofia que fazia que não consideravam que era psicanalista. E durante minha tese também, talvez por necessidade de adaptação, por “desfalar” precisamente, fiz – eu já tinha uma graduação, mestrados em Filosofia e em Literatura Inglesa, e fiz uma formação, uma graduação e um mestrado em psicologia clínica durante a minha tese. Ou seja, o que de certa forma me autorizou a falar desde um outro ponto de vista da psicologia, da psicanálise, que não era o ponto de vista só da filosofia. Mas isso não era suficiente, para filósofos eu tinha sido um traidor porque saía da filosofia pura e tava estudando psicanálise a partir da filosofia, e a psicanálise é uma bastardização de um pensamento filosófico. Mas para psicanalistas continuava chegando da filosofia, de uma coisa que não era a psicanálise mesmo. E acho que isso é interessante a repetição, é a repetição de um sintoma que é muito próprio, muito meu, que é o sintoma do “menos um”. Essa ideia... Sabe aquele conceito do Lacan, do “mais um” num cartel ou num grupo? Eu acabei me considerando... E, bom, porque psicanálise é precisamente tentar fazer que se viva com um sintoma, não é suprimir esse sintoma, cancelá-lo, mas fazer que seja mais viável. Então acho que cheguei a essa ideia de que o meu sintoma, um dos meus sintomas, tenho muuuitos, é o de ser o “menos um”. Ou seja, cada vez que tem uma coerência, um grupo particular fundamentado ao redor de uma identidade, eu sou o “desidentitário” desse grupo, que dá coesão. Bom, isso é muito arrogante, “Eu sou o umbigo do mundo”, mas que dá uma certa coesão precisamente a esse grupo. Eu como um buraco nessa estrutura significativa desse grupo. Então é a história de várias partes da minha vida: marroquino na França, francês no Marrocos, judeu com árabes e árabe com judeus... Minha mãe é de filiação judaica, meu pai era árabe muçulmano e eu sou de filiação atea.

Mas, bom, tinha essa dimensão de “menos um”, levando filosofia para a psicanálise, psicanálise para a filosofia... E depois levando estudos de gênero, ou seja, estudos feministas, estudos das mulheres, estudos gays, lésbicos, queer, trans, intersexo para a psicanálise, levando estudos pós-coloniais, decoloniais para psicanálise e psicanálise para estudos pós-coloniais e decoloniais... E, ultimamente, que trabalho desde há alguns anos agora levando estudos da raça, estudos críticos da raça e da branquitude para a psicanálise e também psicanálise para estudos críticos da raça e da branquitude. Ou seja,



PSICANALISTAS QUE FALAM

isso é coisa do “menos um”. E sendo um gay com héteros e queer dentro dos gays, ou seja, sempre uma posição de desidentificação. E isso acho, também definiu a minha relação com o Brasil.

[1:00:25] Eu costumo dizer “me naturalizaram”. Quando cheguei na França, eu era marroquino, continuo sendo marroquino em termos de papéis, de passaporte, tudo isso de cidadania. Mas virei francês ao cabo de dez anos, em termos de papéis, foi uma naturalização. Esse significante é interessante de naturalização... Nas ciências sociais, naturalizar é fazer como se alguma coisa que foi construída historicamente, socialmente, politicamente, fosse uma coisa inata, biológica e ontologicamente natural lá. Então é interessante isso da naturalização. Eu fui naturalizado francês. E a naturalização...

Naturalizar obviamente é desconsiderar como hierarquizações são construídas por relações sociais de poder, naturalizá-las é dizer, por exemplo: “Ah, tem um patriarcado, as mulheres, sei lá, ganham muito menos do que os homens, porque é da natureza da mulher fazer isso, estar no lar etc.” ...

Toda essa construção capitalística da apropriação do trabalho de reprodução, sem o qual o trabalho de produção não existiria. Sabe aquela ideia do trabalho de produção: que o trabalho que alimenta o sistema capitalista, trabalho efetuado fora do lar, mas que depende totalmente de um trabalho de reprodução, que é o trabalho de cuidado que foi majoritariamente feito por pessoas designadas como mulheres e isso foi naturalizado. E a apropriação, a exploração desse trabalho de reprodução que é um trabalho sem salário obviamente, mas naturalizado. Ou seja, naturalizado como lugar das mulheres e, portanto, bom, essa naturalização vai apagando toda essas hierarquizações criadas socialmente, historicamente, politicamente. Então eu fui naturalizado francês.

Bom, não desrespeito a dimensão importante disso, no sentido de que primeiro correspondeu o fato de que tenho em mim critérios de cultura francesa e de formação francesa, etc. Então tem um sentido. O francês, como dizia o outro, é o meu “*butin de guerre*”, “espólio de guerra”, o outro sendo Kateb Yacine. Eu estou meio... Eu tava durante muito tempo entre essas duas frases, frase do Kateb Yacine que era um escritor argelino que falava: “O francês é o meu espólio de guerra” e a frase do Fernando Pessoa: “A língua portuguesa é a minha pátria”. Bom, só que o Fernando Pessoa falava isso porque... Por que estou falando do Fernando Pessoa? Porque Fernando Pessoa falava isso não por



PSICANALISTAS QUE FALAM

qualquer romantização do português, falava isso em termos de uma vigilância muito grande sobre a ortografia e a sintaxe portuguesa e a manutenção do Y na língua portuguesa, é por isso que falava que era a pátria dele. E então eu sempre estive entre essas duas posições, ou seja, uma posição de “Eu ganhei isso porque precisamente foi fruto da minha exploração como povo colonizado, ocupado, o francês é o meu espólio de guerra”. E, ao mesmo tempo, essa ânsia de pureza da língua, de falar francês melhor do que os franceses. De uma certa adaptação, de “desfalar”, de certa forma. Mais uma vez um “desfalar”, um se adaptar a critérios universais. Enquanto “de francês”? Ai, há centenas de franceses diferentes. O francês da França, com toda essa diferenças regionais, não é o francês do Quebec, não é o francês da Costa de Marfim, não é o francês do Marrocos, não é... Então, bom, estava falando precisamente dessa naturalização, e essa naturalização não queria desrespeitar o fato de que sim, tenho em mim coisas da cultura francesa, das humanidades francesas, etc. Mas muito relativizadas, que caíram dessa posição de idealização. E isso foi graças precisamente à frequência de outros lugares, de outras culturas, de outros países.

[01:05:30] Então estava dizendo não desrespeitar também porque mudou a minha vida o fato de ter um passaporte francês, um passaporte europeu, que é um passaporte vermelho e não mais aquele passaporte verde que abre ao revés, que é o passaporte marroquino, que está escrito em árabe e que vai restringindo uma circulação obviamente.

Eu trabalho muito com raça e raça é precisamente isso também: um efeito da raça que foi essa construção ao longo de cinco séculos, notadamente com a invenção das Américas, é uma circulação diferenciada. Se você vier do norte global, do Sul global, a raça é precisamente que nós somos iguais na circulação do mundo. E essa desigualdade na circulação no mundo obviamente cria uma desigualdade na circulação dos discursos. É muito importante isso. Demorei bastante tempo pra me dar conta disso, para que a ficha caísse, de que “desfalar”, falar em termos “universalizadores” era devido a uma situação diferenciada no mundo e que esse “desfalar” era um efeito da colonialidade também, era um efeito dessa idealização de coisas que viessem só do norte global. E que desacreditassem, que desprezassem coisas que vêm do sul global. Coisas do país onde nasci, onde cresci, do qual me separei bastante brutalmente, com essa ideia de que ia para



PSICANALISTAS QUE FALAM

o norte global, achar que tudo aquilo que falei, as humanidades e inclusive a humanidade e que voltei a descobrir também morando no Brasil. Isso foi muito importante.

Eu me instalei na França com 18 anos, nos anos 90, mas tive a possibilidade de viajar, obviamente, mas também de viver, de morar em outros países. Quando ingressei, entrei na *École Normale Supérieure*, que era a “Grande École”, que era o concurso para o qual estava me preparando... Quando eu entrei lá, tive a possibilidade de ser mandado como um... o termo utilizado em francês é “lecteur”, que é um docente... Primeiro fui mandado pra Inglaterra como docente de língua e literatura francesa. E depois, passei dois anos na Espanha como docente de Filosofia e cultura francesa. Isso foi o início, dessa forma, de sair de uma binaridade.

Eu tinha crescido numa binaridade França/Marrocos, norte global/sul global, árabe/francês, como dizia: judeu/muçulmano. E essa captação imaginária da binaridade. Terceirizar assim, primeiro na Inglaterra... Bom, Inglaterra foi uma decepção terrível, porque eu pensava que chegando lá todo mundo ia falar de Shakespeare e declamar poesia, mas não, não, de nenhuma forma, descobri uma Inglaterra que não tinha nada a ver com aquela Inglaterra que tinha estudado nos livros, na literatura.

[01:10:00] Mas a Espanha foi uma coisa muito importante para mim, muito importante porque “reanudava” também com uma origem fantasiada da Andaluzia, da cultura dos meus ancestrais judeus e muçulmanos. E, também, porque, como falei antes, porque tinha essa forma de ocupar o espaço, essa “inter-relacionaridade” entre corpos que era e que continua sendo bem diferente, essa expressão afetiva bem diferente da França, da francesa. Então Inglaterra e Espanha.

E, depois, o que de repente me fez absolutamente sair dessa captação imaginária binária foi morar aqui no Brasil. No Brasil e depois na Argentina. Foi muito importante para mim isso! Sobretudo o Brasil. Muito importante, porque, como eu disse, foi a aprendizagem (risos) de que aquilo do qual pensava que carecia tanto na Europa, na França, na Europa do norte, na França, na Inglaterra, que era uma afetividade, que era uma incorporação, que era... E que achei aqui, nessa circulação com brasileiras e brasileiros... Aquilo existia no meu país de origem também. No Brasil, me fez cair a ficha de que eu estava tão colonizado, tão colonizado, que tinha desconsiderado totalmente o país



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

onde tinha crescido, que tinha obviamente marcas conscientes e inconscientes, mas que tinha deixado de lado. O Brasil fez isso para mim. Então é isso, é isso.

Então essa dimensão de “menos um”, que acho que também vivenciei...

Bom, eu agora moro de novo na França. Na França costumo dizer que sou um “nacional íntimo” de certa forma, sou nacional, tenho passaporte francês. Mudou muita coisa na minha vida, mas sou íntimo no sentido de que tem critérios com os quais me identifico, tem coisas que valoro e tem muitas coisas com as quais me desidentifico totalmente. E quando cheguei lá, isso era uma mancha, uma mácula, que tinha que me desfazer. Hoje em dia são coisas absolutamente centrais.

Então “nacional íntimo”, costumo dizer na França sou um nacional íntimo. E no Brasil sou um estrangeiro íntimo. E isso é muito importante para mim, muito importante! Então acho que aprendi muito do Brasil na assunção da minha própria afetividade, da minha própria dimensão de sul, do sul global, da minha prática da psicanálise, da minha encarnação, da situação do meu discurso, da minha escuta, do meu falar, falar em nome próprio. E também aprendi muito a partir do fato de que aqui tem um desenvolvimento que não é majoritário, mas existe, da psicanálise, hoje em dia, a partir de questões absolutamente locais e de problemáticas locais.

Eu acho que teve na América Latina, vamos dizer, três momentos... Bom, estou generalizando mais uma vez, mas o pouco que... O que menos desconheço, que é uma certa história da psicanálise na Argentina, no Brasil, acho que teve três momentos: o primeiro momento de europeus e europeias que chegaram na Argentina, a primeira geração, vamos dizer, primeiro momento, onde brasileiros que iam se formar como médicos e iam se formar na Europa e voltavam aqui, um primeiro momento absolutamente europeu; Um segundo momento, que seria o momento, para usar uma palavra argentina “criollo”, e crioulos são os descendentes dos brancos, que não são mais vinculados à coroa espanhola, mas que são produto local, mas branco, e que vão, obviamente, de certa forma, perpetuando uma divisão racial da sociedade na qual os brancos, por mais que não sejam mais europeus, que sejam um produto local, vão ocupando uma posição de privilégio.



[01:15:30] E continuam, obviamente, se referindo à Europa. Continuam se achando, depois da descolonização, inclusive do Brasil, das independências da Argentina e de outros países da América Latina, com esse objetivo e esse tropismo para a Europa.

Então, o segundo momento da psicanálise seria uma psicanálise crioula, mas com tropismo europeu. E obviamente que foi absolutamente invadido esse segundo momento pela presença de psicanalistas europeus em turnê que vieram aqui e no resto da América Latina, pregarem, anunciarem a boa palavra europeia, etc.

E hoje em dia estamos num terceiro momento, me parece, tanto no Brasil quanto na Argentina ou no Uruguai – gosto muito também do Uruguai e de psicanalistas que vão desenvolvendo coisas lá. Um terceiro momento, no qual, me parece, que estão se desenvolvendo psicanálises que não estão olhando mais para a Europa, que estão tentando desenvolver coisas bem próprias, posicionamentos locais. Na Argentina, sobretudo sobre questões de gênero e sexualidade, com psicanalistas como Jorge Reitter, Debora Tajer, Facundo Blestcher, Marina Calvo, muitos outros e outras. E no Brasil com questões de gênero, sexualidade, mas sobretudo com questões de raça e de colonialidade.

Hoje em dia o Brasil está na vanguarda mesmo de todo o pensamento sobre raça e psicanálise, colonialidade e psicanálise. E eu aprendi tudo, tudo nesses temas a partir de psicanalistas brasileiros e brasileiras, de gerações anteriores e de gerações atuais, desde a Virginia Bicudo, a Lélia Gonzalez, a Neusa Santos Souza até a Isildinha Baptista Nogueira, a Cida Bento... Gerações um pouco mais novas, como a Priscilla Santos, o Kwame Yonatan, o Deivison Nkosi, o Emiliano de Camargo Davi, o Ignácio Paim, o Augusto Paim, a Natasha Helsinger, o Bruno Siniscalchi, o Luciano Dias, a Andréa Guerra... E estou esquecendo muitos nomes, muito importantes. Mas estou dizendo que hoje em dia é o lugar mesmo onde a psicanálise pode ser pensada e praticada levando em conta as relações sociais de poder, de raça, de colonialidade. E a velha Europa tem tudo para aprender disso tudo.

Então o Brasil foi absolutamente fundamental para mim nesse sentido.

E, bom, falar... Foi uma autorização falar. Psicanalistas que falam precisamente contra esse mito do não falar como psicanalista e contra essa colonização ou colonialidade do “desfalar” como estrangeiro na França.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Me autorizei pouco a pouco a falar progressivamente, a falar que... Se olhar retrospectivamente e, obviamente, qualquer narrativa retrospectiva é uma fábula, uma reconstrução fantasmática obviamente... Uma narração não é uma descrição, uma narração é uma criação de coisas, é o que fazemos no divã na elaboração psicanalítica. Então eu estou inventando com essa narração, essa ideia de que a narração, acho que é performativa. E é isso que fazemos na psicanálise, com o desenvolvimento de um discurso, que é um dizer e acaba provocando um fazer. Isso é a performatividade precisamente desse discurso. Então nessa narração, a performatividade, que acho que hoje em dia foi uma politização, acho que foi uma politização da minha posição subjetiva e uma politização da minha consideração da psicanálise, tanto como prática quanto como teorização, obviamente.

[01:20:36] E tive que, bom, para retomar um clichê lacaniano que “me autorizar”. “Se autoriza só de si mesmo”, que é um clichê tremendo. Só que quando se usa esse clichê, não se fala que se autoriza também, ou seja, o sujeito se autoriza a partir dos outros também, de alguns outros e algumas outras. E esses outros, essas outras foram absolutamente fundamentais, fundamentais. Pessoas que encontrei durante a minha formação acadêmica, a minha formação de estudante e também analistas pessoais.

O meu analista, um dos meus últimos analistas que me autorizou de certa forma. O analista anterior – é interessante essa questão – é um cara da IPA e da SPP – *Société de Psychanalyse de Paris* – que é um ramo da IPA na França e ele me tinha dito já nas primeiras sessões: “Estou de acordo para acompanhá-lo numa elaboração analítica própria. Mas não vamos fazer nenhuma análise didática porque a IPA ainda não resolveu o problema da homossexualidade”. E fiquei sete anos com ele. Acho que isso chama... Como é que chama *La Boétie*?

[HEIDI] Servidão voluntária...?

[THAMY] Servidão! Servidão voluntária, exatamente. Servidão voluntária. Sete anos. E era um analista obstinadamente monolíngue, monolíngue, ou seja, eu precisava falar coisas em outras línguas e ele não queria escutar em mim. Eu traduzia também e ele não queria.



PSICANALISTAS QUE FALAM

O meu último analista foi um analista libanês radicado na França havia muitos anos que me autorizou precisamente nessa migração linguística. Essa migração linguística sempre foi muito importante para mim. Acho também que faz parte da minha formação em análise, dos temas que trabalhei. Trabalhei sobre a clínica da língua, como é que... Por que é que passamos de uma língua para uma outra língua e como as associações de uma língua numa outra língua têm que ser feitas? E acho que essa questão da passagem de uma língua para uma outra é uma questão sumamente política, sumamente política. E que não se fala para o analisando ou analisanda plurilíngue, não se fala uma língua ou uma outra língua por acaso, e a associação se faz de uma língua para uma outra dentro de relações sociais de poder particulares. Isso é também inscrito na minha história própria, no sentido de que, bom, eu tive... Falava do meu espólio de guerra, eu tive a possibilidade, a sorte de crescer em duas línguas: árabe-marroquino e francês. E depois quis desfazer essa binaridade aprendendo outras línguas.

É muito singular, porque a minha primeira língua estrangeira é o inglês, primeira língua estrangeira que aprendi e é bem particular, porque é a língua que ficou a mais estrangeira, na qual me sinto menos em casa do que, por exemplo, português ou espanhol.

Então me esgrimei em atravessar as fronteiras das línguas, sem ser separado nas aduanas entre as línguas. Era muito importante, acho que é muito importante... Só que aquilo que não funcionou (risos) é mais uma vez essa coisa do “menos um” ...

[01:25:00] Aquilo que não funcionou, que tinha funcionado para o francês, eu falo francês sem sotaque realmente porque aprendi como criança e com os meus pais na escola francesa. Só que isso não funciona com as outras línguas, o sotaque fica lá.

Antes eu me defendia, tentava dissimular esse sotaque, mas nunca é dissimulado... Ou seja, tem um “passing” que faz: “If I speak English with you, you may consider that I sound very British – if you’re not from England”. Então se você é da Inglaterra obviamente que percebe o sotaque... Da mesma forma que “qué sé yo, si te hablo castellano...: Qué me estás diciendo boludo, pelotudo, no, no, pará, pará, hablame realmente así”. E então, você me considera como argentino quando estou em Espanha ou quando estou em Bolívia, mas na Argentina, obviamente que não. Ou seja, esse “passing” desde fora. E obviamente que quando falo português: “Tu és brasileiro, falas português do Brasil” e



PSICANALISTAS QUE FALAM

obviamente que aqui não sou considerado como brasileiro. E eu respondo: “Brasileiro? Sou, sou sim, de coração”.

Mas, então, essa ânsia de atravessar as línguas sem sotaque também foi politizada, porque sotaque também é uma forma de afirmar essa multiplicidade, essa hibridez. Então acho que a história do falar, e para mim de psicanalistas que falam, é uma história de politização da fala, é uma história de...

E acho que tão psicanalítico como político isso, ou seja, no sentido de que em psicanálise, me parece, se trata de falar em nome próprio, se trata de fazer com que um sujeito possa desenvolver um discurso que seja próprio, que esse sujeito não seja mais falado, dito, agido, prescrito, situado e determinado só por relações sociais de poder que têm efeitos psíquicos e obviamente, efeitos linguísticos. Mas que assuma uma posição de falar em nome próprio. E esse assumir uma posição de falar em nome próprio é uma posição política.

É exatamente o que falavam as afrofeministas, de falar em nome próprio... É exatamente... Ou seja, de ser o sujeito e não o objeto de um ato. A Grada Kilomba, por exemplo, vai retomando isso das afrofeministas estadunidenses, mas sobretudo as brasileiras: Lélia Gonzáles, Márcia Lima, Vilma Piedade e outras... Djamila Ribeiro hoje em dia... Essa ideia de que quando falo em nome próprio, não sou mais falada, não sou mais o outro da branquitude, eu não me defino como objeto desse discurso colonial. Eu sou sujeito do meu próprio discurso e isso é um ato político muito importante.

Então, acho que é isso. Isso de psicanalistas que falam para mim seria essa politização da fala e, sim, esse assumir uma fala em nome próprio, que não quer dizer, obviamente, que psicanalistas que falam vão ocupar todo o espaço, porque realmente que tem um espaço para silêncio. Mas é uma coisa muito psicanalítica, me parece, essa pergunta.

Quando saí dessa idealização psicanalítica que vinha da minha formação, dessa idealização bem francesa, entendi que silêncio na sessão psicanalítica, o silêncio do psicanalista, da psicanalista, não é uma questão religiosa, ou seja, que faz que para respeitar o lugar do outro, o espaço do outro, não colocar o meu desejo próprio como psicanalista no lugar do desejo do analisando ou da analisanda, tenho que ficar no silêncio, porque esse silêncio, ou seja, esse mito de que eu vou a cada três meses e meio gratificar



PSICANALISTAS QUE FALAM

o analisando com um “U-hum” e nada mais, é uma coisa absolutamente definida de forma cultural.

O parisiense, como dizia, com esse calor desbordante parisiense que acaba sendo absolutamente colonialista quando é imposto em outros lugares afetivos, outros lugares culturais afetivos.

[01:30:12] E também essa questão de... Sabe como o Winnicott fala que: quanto mais o psicanalista fala, mais mostra a amplitude da sua incompreensão. Ou seja, que falar como psicanalista é também sair daquele lugar totalmente idealizado de onisciente, que sabe tudo, que compreendeu tudo. Ou seja, a travessia da fantasia cai desse lugar absolutamente idealizado.

E entendi que falar como psicanalista durante uma sessão eu pratico assim, no sentido de que se falo, se faço uma interpretação, se ocupo esse espaço do discurso, é sempre com essa pergunta: “Será que faço isso para mim mesmo? Pra desenvolver uma coisa que vai dentro da transferência imaginária, alimentar o meu próprio narcisismo? Ou será que estou fazendo para abrir um espaço de fala do analisando, da analisanda pra permitir que acontecesse uma coisa, que acontecesse um efeito psíquico no/na analisando”? E não só pra brilhar com aquela interpretação absolutamente genial que vou fazer só pra ocupar o espaço. Então, acho que sempre essa pergunta quando intervenho, falo como psicanalista: “Pra quem estou fazendo isso e como isso acaba beneficiando pro analisando, pra analisando?”.

Então é isso, falar é assumir uma posição de sujeito. E psicanalistas que falam para mim seria psicanalistas que assumem essa posição de uma politização da psicanálise, de que temos corpo, que estamos na encruzilhada de relações sociais de poder, que vamos reproduzindo no âmbito da psicanálise, da cura e que todo alvo do falar para psicanalistas que falam me parece... Ou pra mim como psicanalista que falo, é tentar identificar como na transferência simbólica ao falar ou não falar vão se reproduzindo relações sociais de poder, de gênero, de raça, de sexualidade, de classe...

E como o falar ou não falar como psicanalista faz que tenha uma reprodução dessas relações sociais de poder, que haja essas relações sociais de poder dentro da transferência simbólica ou que as comente. E que ao comentá-las, acompanhe o



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

analisando ou a analisanda a se deslocar desse lugar prescrito de relações sociais de poder. Então a fala é um ato político. Acho que encerro com isso.

[HEIDI] Muito obrigada. Me identifico, me emociono com a sua fala.

[THAMY] Muito obrigado.

[HEIDI] Eu que agradeço.

[THAMY] Gente, não sei quantas bobagens falei, não sei qual vai ser o resultado...

[HEIDI] [risos) Você verá. Vai gostar.

FIM



PSICANALISTAS QUE FALAM – EPISÓDIO #14 – THAMY AYOUCHE

FICHA TÉCNICA DO EPISÓDIO

Duração: 95 minutos

Ano de Produção: 2026

País: Brasil

Idioma: português

Gênero: documentário

Classificação Etária: livre

Direção e Produção executiva: Heidi Tabacof

Produção: Heidi Tabacof e Quelany Vicente

Assistência de direção: Jonas T. Waks

Direção de fotografia: Cauê Steinberg

Câmeras e Som direto: Cauê Steinberg e Fernanda Cristiane

Edição: Fernanda Cristiane

Trilha Musical: Vitor Kisil

Edição de podcast: Laura Mayumi

Design gráfico: Julio Dui_mono

Comunicação Digital: Quelany Vicente e Jonas T. Waks

Realização: Tupi produções

www.psisquefalam.com



@psisquefalam



YouTube @psicanalistasquefalam